
O Amor Líquido: Uma análise dos relacionamentos afetivos contemporâneos no filme *Medianeras*¹

Natália Xavier COELHO²
Carolina de Faria Veiga Neto BRANDÃO³
Leticia Feitosa de ALMEIDA⁴
Mariana Fontenele Braga de SENA⁵
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de investigar os relacionamentos afetivos inseridos na contemporaneidade e no universo de mídias digitais a partir do longa metragem argentino *Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual* (2011), do diretor Gustavo Taretto. O filme em questão apresenta dois personagens que, por estarem sempre conectados e em seus computadores, se percebem passando mais tempo no mundo digital do que na realidade fora da internet. Para investigar essas questões, utilizamos como embasamento teórico autores como André Lemos (2003), Lúcia Santaella (1996) e Zygmunt Bauman (2003).

PALAVRAS-CHAVES: amor líquido; relacionamento; contemporaneidade; mídias digitais; *Medianeras*;

1. *Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual*

Este trabalho busca realizar uma análise do filme *Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual* (2011), do diretor argentino Gustavo Taretto, tendo como foco os relacionamentos afetivos inseridos na contemporaneidade e nas mídias sociais exibidas no filme. O objetivo é apresentar uma discussão sobre como esses relacionamentos podem ser afetados pela sua imersão no mundo digital, e as consequências observadas no longa metragem. O filme em pauta foi escolhido por, mesmo sendo de 2011, ainda ter características com grande potencial para análise e que podem se encaixar com a realidade dos dias atuais.

A análise foi feita por meio de pesquisas documentais e bibliográficas. A pesquisa é explicativa e tem como objetivo analisar como os relacionamentos amorosos dentro do longa metragem são influenciados pelas mídias digitais referentes ao ano de 2011, ano

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unifor, e-mail: nxcoelho@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 8º semestre de Jornalismo da Unifor, email: carolinadefariab@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 6º semestre de Jornalismo da Unifor, email: fleticiaalmeida@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora-orientadora do Curso de Jornalismo da Unifor, email: mfontenele@unifor.br

em que o filme foi lançado. Neste sentido, o trabalho busca examinar o filme em si no campo epistemológico da comunicação multimídia, em que a comunicação é analisada na dimensão da tecnologia e dos formatos digitais.

O filme *Medianeras* de Gustavo Taretto é ambientado em Buenos Aires e reflete uma sociedade contemporânea cada vez mais conectada e imersa em uma nova forma de socialização por meio da internet, sendo então um reflexo de várias sociedades, que permanecem constantemente online. O estudo procura, então, analisar essa realidade, pois, como afirma Morin (1997, p. 240) “os diversos complexos de magia, de afetividade, de razão, de real que compõem a estrutura molecular dos filmes nos conduzem aos complexos sociais contemporâneos e aos seus componentes”. Neste sentido, é possível perceber a relação filme-realidade observada e sua potencialidade para análise.

Em *Medianeras*, os protagonistas são o *web designer* Martin (Javier Drolas) e a vitrinista Mariana (Pilar López de Ayala). Ambos são jovens e vivem em uma cidade retratada como “cinza” e “solitária”. Embora não se conheçam, moram no mesmo quarteirão e compartilham um estilo de vida semelhante: trabalham com algo que não estão apaixonados, preferem não sair de casa e estão quase sempre conectados. Como consequência, acabam preferindo se relacionar com pessoas e realizar grande parte de suas atividades por meio da internet. Entretanto, as relações neste universo nem sempre são satisfatórias, como ilustra Martin, “A internet me aproximou do mundo, mas me distanciou da vida” (MEDIANERAS, 2011). Se, por um lado, a internet traz à personagem a sensação de pertencimento (de um *chat*, um fórum, um grupo), também o afasta de sua realidade. Quanto mais *online* no mundo virtual, mais *offline* na vida real.

As personagens, enquanto inseridas nas mídias digitais, parecem se encontrar em uma realidade “simulacra”, termo de Baudrillard (1991). Para o autor, quando algo se encontra na contemporaneidade, se envolve em um processo de “simulação”, onde o real perde seu valor e é substituído pela “hiper-realidade”. Nesse campo, os signos (representações) são confundidos com o real e o que fazia parte da realidade se torna simulacro, ou seja, tentativa de cópia irreal. Dessa forma, as simulações seriam formas de compensar a própria realidade e o simulacro uma forma de inventar uma nova verdade. “O que toda uma sociedade procura, ao continuar a produzir e a reproduzir, é ressuscitar o real que lhe

escapa. [...] Assim, em toda parte o hiper-realismo da simulação traduz-se pela alucinante semelhança do real consigo próprio”(BAUDRILLARD, 1991, p 34).

Quando envoltos nas simulações mencionadas por Baudrillard (1991) se torna difícil para os personagens diferenciar o que é real do hiper-real, diminuindo assim a possibilidade de escolha de quem se encontra neste campo de decidir em qual “realidade” - ou falta dela - deseja viver. De acordo com Baudrillard (1991), ambos os campos se tornam relativamente parecidos e a diferenciação, complicada, pois

é praticamente impossível isolar o processo de simulação, pela força de inércia do real que nos rodeia, o inverso também é verdadeiro (e esta mesma reversibilidade faz parte do dispositivo de simulação e de impotência do poder): saber que é doravante impossível isolar o processo do real e isolar o real. (BAUDRILLARD, 1991, p. 31).

As simulações e o hiper-real possuem eles mesmos caracteres temporários em que a realidade se mistura ainda mais com o digital e vice e versa, e que reduz os acontecimentos a algo sem importância e sem duração em que o próprio problema não se caracteriza como tal (BAUDRILLARD, 1991).

Entretanto, essas simulações, apesar de similares com a realidade, continuam sendo simulações. Dessa forma, há diferenças e ausências. No exemplo da internet, apesar de ser um ambiente interativo, a falta de contato físico e de outras formas de comunicação, como os gestos e as características que envolvem o corpo, deixam uma lacuna a ser preenchida nos relacionamentos digitais. Dessa forma, as personagens se percebem em um estado de solidão e depressão, lutando por sua emancipação em relação à internet, em relação aos simulacros e simulações.

Atividades físicas, remédios, relacionamentos breves e consultas psicológicas marcam a rotina de Martin e Mariana, que tentam não se perder dentro desse novo mundo. Como diz Mariana, “Do trabalho, você vai poder aumentar a temperatura da sua casa. Claro, ninguém vai esperar você com a casa quentinha. Bem-vindo à era das relações virtuais” (MEDIANERAS, 2011). A personagem sente-se sempre tentada a não sair de casa e evitar ao máximo manter contato com o mundo fora da tela do computador ou de seus dispositivos móveis. É interessante notar, ainda, a ausência de janelas nos apartamentos de Martin e Mariana, que os deixam ainda mais afastados do real. Poderíamos supor que

a janela que dá para rua é gradativamente substituída pelas telas que nos levam ao mundo virtual.

Aqui, convém certo aprofundamento da compreensão do que é virtual. Pierre Levy (1996) afirma que

o virtual é entendido como o complexo problemático, um nó de tendências e de forças que acompanham uma situação, que chama um processo de resolução: a atualização. Esta surge então como a solução de um problema, a qual não estava contida previamente no enunciado. Trata-se, portanto, de uma criação, da invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades (LEVY, 1996, p. 16).

Essas forças e finalidades ganham imensurável potência no meio digital, espaço que ultrapassa fronteiras físicas e tem alcance universal, no sentido mais globalizante da palavra.

O autor é assertivo ao atestar o impacto do que é da ordem do virtual. Apesar de admitir uma certa “desterritorialização” provocada por uma série de “ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes”, visto que o material online tem reverberações muito singulares em cada internauta, Levy (1996) reconhece que “nem por isso o virtual é imaginário, ele produz efeitos” (LEVY, 1996, p. 21).

Aqui, cabe a assertiva deleuziana sobre o fenômeno que produz esses efeitos. O filósofo francês, que atesta que “diz-se serem imagens virtuais à medida que sua velocidade ou sua brevidade as mantém aqui sob um princípio de inconsciência.” (DELEUZE, 1992, p. 60), trata da virtualização como um processo contínuo e de propósitos incertos, conforme visto em:

“Eles (os objetos) são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e à medida que essa brevidade os mantém, conseqüentemente, sob um princípio de incerteza ou de indeterminação” (DELEUZE, 1992, p. 50)

Esses objetos, por sua vez, produzem sintomas e angústias compartilhados por uma geração inteira, incluindo os protagonistas do filme *Medianeras*.

2. A necessidade de estar *on-line*

O desejo e a necessidade de estar na internet são observados pelo fato das personagens preferirem conversar em salas de bate papo e por meio de outras redes sociais a marcar um encontro fora deste ambiente. Esta necessidade de permanecer *online* é cada vez mais presente na vida do ser humano contemporâneo e é percebida quase como uma via de mão dupla. Ou seja, esperamos e necessitamos das inovações tecnológicas da mesma forma que elas necessitam de nós, seu público, como afirma Lemos (2003, p. 90).

Conhecemos as inovações tecnológicas, as encontramos em nossa vida, porque há um movimento destas inovações no sentido de encontrar-nos onde já estamos, e fazer de nós seus usuários. Nós eventualmente as acolhemos - ou não; elas, antes mesmo que começasse nosso momento de decisão, já preparavam o encontro.

Mas, da mesma maneira que rapidamente aderimos às inovações tecnológicas e as acolhemos, muitas vezes, como a solução para nossos problemas e as respostas para nossos desejos, estas também possuem a característica da fugacidade (SANTAELLA, 1996). No ambiente virtual, as informações chegam rápido e se esvaem da mesma forma. Ou seja, rapidamente podem tornar-se obsoletas. “Num ato simples e irreversível, me desprendo de 38,9Mb de história”, (MEDIANERAS, 2011), afirma a personagem Mariana, ao apagar de seu computador um conteúdo que fazia parte da sua vida, referindo-se a relacionamentos que em poucos segundos podem terminar. Neste sentido, a professora e pesquisadora Lúcia Santaella (1996, p. 36) comenta que

Quando absorvida pelas mídias, qualquer coisa, seja lá o que for, passa a ter caráter volátil: aparece para desaparecer. Envelhecimento precoce da informação que só pode durar de acordo com o ritmo do tempo que a própria mídia impõe naquela informação.

Assim como ocorre com as informações, fotos e outros conteúdos, os relacionamentos também podem apresentar este caráter volátil. Na era das relações virtuais, nada parece ser feito para durar. Ao menor sinal de problemas, rapidamente o relacionamento é rompido e substituído por outro a partir do “envelhecimento precoce”, citado por Santaella (1996). Essa ideia faz parte da substituição do que era durável pelo que é instantâneo, sendo isso o ideal último da modernidade atual (BAUMAN, 2000). No filme, há momentos em que os protagonistas saem em encontros com outras pessoas, mas as conversas permanecem da superficialidade e nenhum vínculo é firmado, expondo o caráter fugaz das relações humanas apresentadas.

A contemporaneidade trouxe uma nova forma de comunicação entre dois indivíduos. E nela, problemas que podem atrapalhar o entendimento da mensagem (CASTELLS, 2013).

Essas barreiras comunicacionais são definidas como “problemas que interferem na comunicação e a dificultam. São ruídos que prejudicam a eficácia comunicativa” (KUNSCH, 2003, p. 74). Outra definição para esses ruídos é a perda de sinal ou de outros fatores, comuns na comunicação pela web.

Barreiras são restrições ou limitações que ocorrem dentro ou entre as etapas do processo de comunicação, fazendo com que nem todo sinal emitido pela fonte percorra livremente o processo de modo a chegar incólume ao seu destino. O sinal pode sofrer perdas, mutilações, distorções, como também ruídos, interferências, vazamentos e, ainda, ampliações ou desvios. O boato é um exemplo típico da comunicação distorcida, ampliada e, muitas vezes, desviada. (CHIAVENATO 2010, p. 426).

Podemos citar como exemplo a cena do primeiro contato entre as personagens Martin e Mariana, que ocorre por meio de um bate-papo virtual e que não continua quando a energia acaba.

Mesmo possuindo gostos diferentes, ambos criam uma empatia por compartilharem da mesma sensação perante a internet. Entretanto, quando começam a marcar um encontro fora das redes, há uma falha de energia e a conversa é brutalmente interrompida. Por não saberem telefones, endereços e sobrenomes, se torna impossível continuar a conversa. Esse desencontro é reafirmado quando, de forma irônica, ambos se encontram em uma loja para comprar velas, mas, por não se conhecerem no mundo físico, não trocam mais do que um olhar.

Essa diferença dos espaços virtuais e físicos é reafirmada por Zygmunt Bauman (2000, p.201), quando explica que ambos espaços se diferem entre si e, mesmo não tendo diálogo, estão em “constante comunicação”.

As características de fugacidade e volatilidade podem ser observadas não só nos relacionamentos contemporâneos, mas também nas características da própria contemporaneidade. De acordo com Giorgio Agamben (2009), perceber estas características dos tempos atuais e compará-las com as de outras épocas é o que se configura como contemporâneo.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque,

exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Desta maneira, conforme este conceito, Martin e Mariana se enquadram como personagens contemporâneos, dado que os dois vivem intensamente os aspectos dos novos tempos, percebem as diferenças das relações afetivas antes da era digital e as adaptam para os dias atuais. Assim, o que outrora era um relacionamento existente no plano físico, na atualidade foi modificado às conversas e interações no âmbito virtual.

As informações vêm tão rápido quanto duram, e a noção de tempo passou por uma transformação, se tornando relativa. É possível perceber que estando profundamente conectados no digital, há uma mudança no conceito da realidade, o que causa contradições que, no longa, aumentam a melancolia de Mariana. Após ter terminado um relacionamento longo, a personagem percebe que, ao contrário de seu computador, sua memória não funciona de forma tão “instantânea”. “Quem dera minha cabeça funcionasse tão bem como o Mac. Quem dera com um simples click eu me esquecesse de tudo” (MEDIANERAS, 2011), exclama. Não poder apagar memórias da cabeça tão facilmente como se faz no computador a frustra.

Neste sentido, diferentemente do que se pensa, o avanço tecnológico não cresce diretamente proporcional à satisfação dos usuários (CECCARELLI, 2009). Enquanto o crescimento da tecnologia já ocorre quase de forma involuntária, a satisfação das pessoas se mantém estagnada. Segundo Ceccarelli, “a civilização não torna os seus participantes mais felizes, pois a função individualizante do sexual, do narcisismo, resiste. O progresso científico não foi acompanhado de nenhum aumento do nível de satisfação e de prazer que se esperava”. (CECCARELLI, 2009, p. 7). No caso do longa, o efeito seria exatamente o inverso. Dessa forma, o crescimento tecnológico pode até tornar a comunicação e outras tarefas mais rápidas e simples, mas isso não necessariamente traz o conforto emocional que se esperava desse avanço.

3. O amor que não se sustenta

Abrir totalmente a porta para uma relação pode significar se privar das chances de um outro relacionamento que pode ser mais vantajoso que o atual (BAUMAN, 2003). O medo de estar desperdiçando tempo com um relacionamento que pode não ser tão prazeroso

quanto outro possibilita fazer com que o receio se torne superior ao possível amor que poderia ter sido construído, o que pode atrapalhar os próprios relacionamentos. Bauman (2003) explica a existência do conflito entre manter um relacionamento afetivo e ao mesmo tempo “descartar” a possibilidade de outros.

Mas quando você se comprometer, mesmo que sem entusiasmo, lembre-se de que pode estar fechando as portas a outras possibilidades românticas (ou seja, renunciando ao direito de “caçar em novas pastagens”, ao menos até que o parceiro reivindique esse direito antes de você) (BAUMAN, 2003, p. 25).

Essa visão faz com que o momentâneo se torne a solução mais fácil, pois fica cada vez mais difícil se comprometer por inteiro em alguma atividade amorosa. Segundo Bauman (2003, p. 25), “O amor é uma rede lançada sobre a eternidade”, mas o autor também define a eternidade como algo que alcançou, de certa forma, a inutilidade e que não faz mais sentido na era contemporânea, ainda mais quando comparada a ideia de curto prazo.

Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade “fluida” não tem função para a duração eterna. O “curto prazo” substituiu o “longo prazo” e fez da instantaneidade seu ideal último. Ao mesmo tempo em que promove o tempo posto de contêiner de capacidade infinita, a modernidade fluida dissolve - obscurece e desvaloriza - sua duração. (BAUMAN, 2000, p. 158).

Dessa forma, se o amor tem a ver com o eterno e este não vale mais à pena, não há sentido em buscar uma relação que tenha previsão de durabilidade. Em uma sociedade em que tudo se esvai tão rapidamente quanto foi criado, não há sentido ou a possibilidade de “lucro” em investir em algo a longo prazo (BAUMAN, 2003). Não há interesse em tentar manter algo que dure pois, para Andrade; Pinheiro (2004), o compromisso perdeu seu sentido, visto que é observado como uma perda de liberdade. E mesmo com esse sacrifício, há possibilidades desses laços serem facilmente rompidos.

Martin e Mariana tiveram relações amorosas não tão satisfatórias no passado e já não têm tanta esperança quanto os relacionamentos afetivos. Inclusive, o web designer mantém, por um breve período, uma relação unicamente sexual com uma garota, mas não enxerga a possibilidade de firmar este relacionamento.

Assim, presos em edifícios sem janelas e, metaforicamente, sem saídas e sem a ajuda do “outro” e em busca da “liberdade individual” (ANDRADE; PINHEIRO, 2004, p.296-312), Mariana e Martin se sentiam que nem as medianeras de concreto dos prédios em que moravam, pelos quais Mariana define como lados inúteis. A personagem, que

trabalha com decoração de vitrines, ainda vai mais longe ao afirmar que também se sentia como um manequim, “percebi que era eu na vitrine. Como um manequim. Imóvel, silenciosa e fria” (MEDIANERAS, 2011). Estar na internet é poder mostrar um “eu” constantemente contente no mundo digital, enquanto não há necessidade de se estar dessa forma na realidade física.



Figura 1: A personagem Mariana se compara com um manequim. Fonte: <<http://migre.me/wBRRo>> Acesso em: 20 fev 2017

A busca pela solução desses sentimentos contraditórios pode ser observada no momento em que ambos resolvem quebrar as leis e abrem janelas para o mundo afora para enfeitar de forma criativa e colorida suas medianeras, se libertando da internet e abrindo a visão para uma Buenos Aires inserida já na realidade, com mais movimento e mais janelas. Essa “liberdade” não se dá pelo abandono da internet, mas pelo seu bom uso e pela emancipação compartilhada, como mostrado no final do longa. “Ser livre significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis” (BAUMAN, 2000, p 26).

Estar livre do que se esvai rápido e do que já não dura mais parecia impossível para as personagens no começo do filme, mas parece se torna realidade no desenvolver de suas histórias e se concretiza de forma eterna quando as personagens se encontram e se emancipam de suas redes sociais. Esta seria então a própria solução para a “busca da felicidade”. Estar na internet se torna uma escolha e se manter na realidade, um direito. E a solução para alcançar a liberdade seria concretizada por meio da consciência de escolhas, ao mesmo tempo que pelo reconhecimento da liberdade do “outro”.

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. (BAUMAN, 2003, p. 21).

Outro momento do longa de Taretto que pode simbolizar essa emancipação é quando Mariana, que passa grande parte do longa tentando encontrar Wally (personagem famoso por sua camiseta listrada) na cidade, se depara com Martin, em meio a rua, utilizando a camiseta referida. A metáfora de Mariana de tentar encontrar a figura do livro “Onde está Wally” como uma forma de encontrar a si mesma em meio ao espaço urbano de Buenos Aires é concretizada no momento em que ambos as personagens se encontram, enfim, em uma calçada movimentada da cidade argentina, enfim.



Figura 2: A busca de Mariana por Wally. Fonte: < <http://migre.me/wBRMi> > Acesso em: 20 de fev 2017

Figura 3: O enfim encontro das personagens Martin e Mariana.. Fonte: < <http://migre.me/wBROa>> Acesso em: 20 de fev 2017

Nas medianeras dos prédios, onde havia somente uma parede cinza de concreto, pela qual parece retratar a superficialidade que as duas personagens estavam sentindo e passando durante grande parte do filme, passa por uma transformação. Da mesma forma que algumas plantas crescem em meio a estes edifícios, considerado no longa como um “ato de resistência”, Mariana e Martin resolvem também abrir janelas em suas medianeras. Apesar da ação ilegal, essa solução simbólica para alcançar a liberdade do superficial, tanto de suas próprias medianeras quanto de seu vício na internet, demonstra a sua emancipação contra o que antes era fechado e limitado para algo mais aberto e com a possibilidade de escape.



Figuras 4 e 5: Medianeras vazias. Fonte: Capturas de tela do filme *Medianeras*.



Figura 6: Ato de “resistência” de plantas que crescem nos edifícios de concreto. Fonte: <<http://migre.me/wBS0t>> Acesso em: 20 fev 2018



Figura 7: Solução de liberdade para Martin e Mariana por meio de suas Medianeras. Fonte: <<http://migre.me/wBS52>> Acesso em: 20 fev 2018

4. Considerações finais

A título de conclusão, registra-se a produção de uma análise sobre os relacionamentos afetivos contemporâneos, que se encontram em constante mudança e adaptação, e sua relação com os avanços tecnológicos e as novas formas de comunicação por meio das mídias digitais, bem como suas possíveis consequências, espelhadas pela realidade do filme analisado. A pesquisa ainda não foi concluída e pretende-se aprimorá-la e realizar ainda mais apurações para aperfeiçoá-la.

Medianeras (2011) ilustra, de forma simbólica, algumas das marcas que os avanços na tecnologia deixaram nos relacionamentos atuais, como o chamado de “amor virtual”, mas o medo de conseguir, por fim, alcançá-lo, significaria na imersão na solidão retratada ao longo do filme.

Por fim, é possível supor que a falta de laços fortes e sólidos fizeram com que os personagens Martin e Mariana confundissem o mundo físico com o virtual, complicando a busca por saídas confiáveis ou, metaforicamente exposto no filme, por utilidades para suas medianeras. Mas, esse estado não é definitivo e pode ser alterado, como exposto no próprio longa.

Ao utilizarem as redes sociais não mais como prisão, mas como ferramenta para contribuir com suas relações amorosas – no caso do filme, com um canal do youtube -, as personagens se emancipam e encontram o equilíbrio. A partir dessa resolução, e com ajuda do próprio amor, encontram possibilidades de construir uma relação verdadeira e capaz de existir no virtual e no físico ao mesmo tempo, sem serem reféns da tecnologia nem a descartando completamente.



Figuras 8: A utilização da internet sem dependência, mas como escolha. Fonte: Capturas de tela do filme *Medianeras*.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: ARGOS, 2009.

ANDRADE, Regina Gloria; PINHEIRO, Maria Cláudia Tardin. **Leitura Psicanalítica da publicidade amorosa**. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, v.4, n.2, p.296- 312, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Laço social: uma ilusão frente ao desamparo**. 2009. 10 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Puc-mg, Belo Horizonte, 2009.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos Novos Tempos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4.ed. São Paulo: Summus, 2003.

LEMOS, André. **A Máquina-criança. O ensino fundamental em uma cultura tecnológica.** Contexto Educação, Ijuí, v. 69, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MEDIANERAS. Direção de Gustavo Taretto. Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales, 2011. (95 min), son., color.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário.** Lisboa: Grande Plano, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.